

FRIEDRICH NIETZSCHE

*ASSIM FALOU
ZARATUSTRA*

Um livro para todos e para ninguém

Tradução, notas e posfácio:
PAULO CÉSAR DE SOUZA

Copyright da tradução, notas e posfácio
© 2011 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original:
Also sprach Zarathustra

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar

Preparação:
Márcia Copola

Índice remissivo:
Luciano Marchiori

Revisão:
Renata Del Nero
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

Assim falou Zarathustra : um livro para todos e para
ninguém / Friedrich Nietzsche ; tradução, notas e posfácio
Paulo César de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras,
2011.

Título original: *Also sprach Zarathustra*.
ISBN 978-85-359-1999-8

1. Filosofia alemã I. Título.

11-11984

CDD-193

Índices para catálogo sistemático:

1. Alemanha : Filosofia 193
2. Filosofia alemã 193
3. Filósofos alemães 193

2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

| | |
|--|----|
| Prólogo de Zaratustra | 11 |
| Os discursos de Zaratustra | 27 |
| Das três metamorfoses | 27 |
| Das cátedras da virtude | 29 |
| Dos trasmundanos | 31 |
| Dos desprezadores do corpo | 34 |
| Das paixões alegres e dolorosas | 36 |
| Do criminoso pálido | 38 |
| Do ler e escrever | 40 |
| Da árvore na montanha | 42 |
| Dos pregadores da morte | 44 |
| Da guerra e dos guerreiros | 46 |
| Do novo ídolo | 48 |
| Das moscas do mercado | 51 |
| Da castidade | 54 |
| Do amigo | 55 |
| Das mil metas e uma só meta | 57 |
| Do amor ao próximo | 59 |
| Do caminho do criador | 60 |
| Das velhas e novas mulherezinhas | 63 |
| Da picada da víbora | 65 |
| Dos filhos e do matrimônio | 67 |
| Da morte voluntária | 69 |
| Da virtude dadivosa | 72 |

SEGUNDA PARTE

| | |
|----------------------------------|-----|
| O menino com o espelho | 79 |
| Nas ilhas bem-aventuradas | 81 |
| Dos compassivos | 84 |
| Dos sacerdotes | 86 |
| Dos virtuosos | 89 |
| Da gentalha | 92 |
| Das tarântulas | 95 |
| Dos sábios famosos | 98 |
| O canto noturno | 100 |
| O canto da dança | 102 |
| O canto dos sepulcros | 105 |
| Da superação de si mesmo | 108 |
| Dos sublimes | 111 |
| Do país da cultura | 113 |
| Do imaculado conhecimento | 116 |
| Dos eruditos | 119 |
| Dos poetas | 121 |
| Dos grandes acontecimentos | 124 |
| O adivinho | 127 |
| Da redenção | 131 |
| Da prudência humana | 135 |
| A hora mais quieta | 138 |

TERCEIRA PARTE

| | |
|---------------------------------------|-----|
| O andarilho | 145 |
| Da visão e enigma | 148 |
| Da bem-aventurança involuntária | 153 |
| Antes do nascer do sol | 156 |
| Da virtude que apequena | 159 |
| No monte das oliveiras | 164 |
| Do passar além | 167 |
| Dos apóstatas | 170 |
| O regresso | 174 |
| Dos três males | 178 |
| Do espírito de gravidade | 183 |
| De velhas e novas tábuas | 187 |

| | |
|------------------------------|-----|
| O convalescente | 206 |
| Do grande anseio | 212 |
| O outro canto da dança | 215 |
| Os sete selos | 219 |

QUARTA PARTE

| | |
|----------------------------------|-----|
| A oferenda do mel | 225 |
| O grito de socorro | 228 |
| Conversa com os reis | 231 |
| A sanguessuga | 235 |
| O feiticeiro | 238 |
| Aposentado | 245 |
| O mais feio dos homens | 249 |
| O mendigo voluntário | 254 |
| A sombra | 258 |
| No meio-dia | 261 |
| A saudação | 264 |
| A última ceia | 269 |
| Do homem superior | 271 |
| O canto da melancolia | 281 |
| Da ciência | 286 |
| Entre as filhas do deserto | 289 |
| O despertar | 294 |
| A festa do asno | 297 |
| O canto ébrio | 301 |
| O sinal | 308 |
| Notas | 313 |
| Posfácio | 339 |
| Índice remissivo | 349 |

PRIMEIRA PARTE

PRÓLOGO DE ZARATUSTRA

1.

Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas.¹ Ali gozou do seu espírito e da sua solidão, e durante dez anos não se cansou. Mas enfim seu coração mudou — e um dia ele se levantou com a aurora, foi para diante do sol e assim lhe falou:

“Ó grande astro! Que seria de tua felicidade, se não tivesses aqueles que iluminas?

Há dez anos vens até minha caverna: já te terias saciado de tua luz e dessa jornada, sem mim, minha águia e minha serpente.

Mas nós te esperamos a cada manhã, tomamos do teu supérfluo e por ele te abençoamos.

Olha! Estou farto de minha sabedoria, como a abelha que juntou demasiado mel; necessito de mãos que se estendam.

Quero doar e distribuir, até que os sábios entre os homens voltem a se alegrar de sua tolice e os pobres, de sua riqueza.

Para isso devo baixar à profundeza: como fazes à noite, quando vais para trás do oceano e levas a luz também ao mundo inferior, ó astro abundante!

Devo, assim como tu, *declinar*,² como dizem os homens aos quais desejo ir.

Então me abençoa, ó olho tranquilo, capaz de contemplar sem inveja até mesmo uma felicidade excessiva!

Abençoa a taça que quer transbordar, para que a água dela escorra dourada e por toda parte carregue o brilho do teu enlevo!

Olha! Esta taça quer novamente se esvaziar, e Zaratustra quer novamente se fazer homem.”

— Assim começou o declínio de Zaratustra.

2.

Zaratustra desceu sozinho pela montanha, sem deparar com ninguém. Chegando aos bosques, porém, viu subitamente um homem velho, que havia deixado sua cabana sagrada para colher raízes na floresta. E assim falou o velho a Zaratustra:

“Não me é estranho esse andarilho: por aqui passou há muitos anos. Chamava-se Zaratustra; mas está mudado.

Naquele tempo levavas tuas cinzas para os montes: queres agora levar teu fogo para os vales? Não temes o castigo para o incendiário?

Sim, reconheço Zaratustra. Puro é seu olhar, e sua boca não esconde nenhum nojo. Não caminha ele como um dançarino?

Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança Zaratustra, um despertado³ é Zaratustra: que queres agora entre os que dormem?

Vivias na solidão como num mar, e o mar te carregava. Ai de ti, queres então subir à terra? Ai de ti, queres novamente arrastar tu mesmo o teu corpo?”

Respondeu Zaratustra: “Eu amo os homens”.

“Por que”, disse o santo, “fui para o ermo e a floresta? Não seria por amar demais os homens?”

Agora amo a Deus: os homens já não amo. O homem é, para mim, uma coisa demasiado imperfeita. O amor aos homens me mataria.”

Respondeu Zaratustra: “Que fiz eu, falando de amor? Trago aos homens uma dádiva”.

“Não lhes dê nada”, disse o santo. “Tira-lhes algo, isto

sim, e carrega-o juntamente com eles — será o melhor para eles: se for bom para ti!

E, querendo lhes dar, não dês mais que uma esmola, deixando ainda que a mendiguem!”

“Não”, respondeu Zaratustra, “não dou esmolas. Não sou pobre o bastante para isso.”

O santo riu de Zaratustra, e falou assim: “Então cuida para que recebam teus tesouros! Eles desconfiam dos eremitas e não acreditam que viemos para presentear.

Para eles, nossos passos ecoam solitários demais pelas ruas. E, quando, deitados à noite em suas camas, ouvem um homem a caminhar bem antes de nascer o sol, perguntam a si mesmos: aonde vai esse ladrão?

Não vás para junto dos homens, fica na floresta! Seria até melhor que fosses para junto dos animais! Por que não queres ser, como eu — um urso entre os ursos, um pássaro entre os pássaros?”

“E o que faz o santo na floresta?”, perguntou Zaratustra.

Respondeu o santo: “Eu faço canções e as canto, e, quando faço canções, rio, choro e sussurro: assim louvo a Deus.

Cantando, chorando, rindo e sussurrando eu louvo ao deus que é meu Deus. Mas o que trazes de presente?”

Ao ouvir essas palavras, Zaratustra saudou o santo e falou: “Que poderia eu vos dar? Deixai-me partir, para que nada vos tire!” — E assim se despediram um do outro, o idoso e o homem, rindo como ríem dois meninos.

Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração:⁴ “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*”.

3.

Quando Zaratustra chegou à cidade mais próxima, na margem da floresta, ali encontrou muita gente reunida na praça; pois fora anunciado que um equilibrista⁵ andaria na corda. E Zaratustra assim falou à gente:

*Eu vos ensino o super-homem.*⁶ O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?

Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada, ou dolorosa vergonha.

Fizestes o caminho do verme ao homem, e muito, em vós, ainda é verme. Outrora fostes macacos, e ainda agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco.⁷

O mais sábio entre vós é apenas discrepância e mistura de planta e fantasma. Mas digo eu que vos deveis tornar fantasmas ou plantas?

Vede, eu vos ensino o super-homem!

O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra!

Eu vos imploro, irmãos, *permanecei fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não.

São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então!

Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores. Ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as entranhas do inescrutável do que o sentido da terra!

Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo: e esse desdém era o que havia de maior: — ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra.

Oh, essa alma mesma era ainda magra, horrível e faminta: e a crueldade era a volúpia dessa alma!

Mas também vós, irmãos, dizei-me: o que conta vosso corpo sobre vossa alma? Não é ela pobreza, imundície e lamentável satisfação?

Na verdade, um rio imundo é o homem. É preciso ser um oceano para acolher um rio imundo sem se tornar impuro.

Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é este oceano, nele pode afundar o vosso grande desprezo.

Qual é a maior coisa que podeis experimentar? É a hora do grande desprezo. A hora em que também vossa felicidade se converte em nojo para vós, assim como vossa razão e vossa virtude.

A hora em que dizeis: “Que importa minha felicidade? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação. Mas minha felicidade deveria justificar a própria existência!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha razão? Procura ela o saber, como o leão seu alimento? Ela é pobreza, imundície e lamentável satisfação!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha virtude? Ela ainda não me fez delirar. Como estou cansado de meu bem e meu mal! Tudo isso é pobreza, imundície e lamentável satisfação!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha justiça? Não estou me vendo a ser brasa e carvão. Mas o justo é brasa e carvão!”.

A hora em que dizeis: “Que importa minha compaixão? A compaixão não é a cruz em que pregam aquele que ama os homens? Mas minha compaixão não é crucificação”.

Já falastes assim? Já gritastes assim? Ah, tivesse eu ouvido gritardes assim!

Não o vosso pecado — a vossa frugalidade brada aos céus, vossa avareza até no pecado brada aos céus!

Onde está o raio que venha lambe-vos com sua língua? Onde está a loucura com que deveríeis ser vacinados?

Vede, eu vos ensino o super-homem: ele é esse raio, ele é essa loucura! —

Depois de Zaratustra assim falar, alguém do povo gritou: “Já ouvimos bastante sobre o equilibrista; agora nos deixa vê-lo!”. E todos riram de Zaratustra. Mas o equilibrista, que achava que as palavras se referiam a ele, pôs-se a trabalhar.

4.

Mas Zaratustra olhou para o povo e se admirou. Então falou assim:

O homem é uma corda, atada entre o animal e o super-homem — uma corda sobre um abismo.

Um perigoso para-lá, um perigoso a-caminho, um perigoso olhar-para-trás, um perigoso estremecer e se deter.

Grande, no homem, é ser ele uma ponte e não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*.⁸

Amo aqueles que não sabem viver a não ser como quem declina, pois são os que passam.

Amo os grandes desprezadores, porque são os grandes reverenciadores, e flechas de anseio pela outra margem.

Amo aqueles que não buscam primeiramente atrás das estrelas uma razão para declinar e serem sacrificados: mas que se sacrificam à terra, para que um dia a terra venha a ser do super-homem.

Amo aquele que vive para vir a conhecer, e que quer conhecer para que um dia viva o super-homem. E assim quer o seu declínio.

Amo aquele que trabalha e inventa, para construir a casa para o super-homem e lhe preparar terra, bicho e planta: pois assim quer o seu declínio.

Amo aquele que ama a sua virtude: pois virtude é vontade de declínio e uma flecha de anseio.

Amo aquele que não guarda uma gota de espírito para si, mas quer ser inteiramente o espírito de sua virtude: assim anda ele como espírito sobre a ponte.

Amo aquele que faz, de sua virtude, seu pendor e sua fatalidade: assim quer ele, por causa de sua virtude, ainda viver e não mais viver.

Amo aquele que não quer ter virtudes demais. Uma virtude é mais virtude do que duas, pois significa mais laços em que a fatalidade pende.

Amo aquele cuja alma esbanja a si mesma, que não quer gratidão e não devolve: pois ele sempre doa e não quer se guardar.

Amo aquele que se envergonha quando o dado cai a seu favor, e que então pergunta: sou um jogador desleal? — pois ele quer perecer.⁹

Amo aquele que lança à frente dos seus atos palavras de

ouro e faz sempre mais do que promete: pois ele quer o seu declínio.

Amo aquele que justifica os vindouros e redime os passados: pois quer perecer devido aos presentes.

Amo aquele que açoita seu deus porque ama seu deus:¹⁰ pois tem de perecer da ira de seu deus.

Amo aquele cuja alma é profunda também no ferimento, e que pode perecer de uma pequena vivência: assim passa de bom grado sobre a ponte.

Amo aquele cuja alma transborda de cheia, de modo que esquece a si próprio e todas as coisas estão nele: assim, todas as coisas se tornam seu declínio.

Amo aquele de espírito livre e coração livre: assim, sua cabeça não passa de entranhas do seu coração, mas seu coração o impele ao declínio.

Amo todos aqueles que são como gotas pesadas, caindo uma a uma da negra nuvem que paira sobre os homens: eles anunciam a chegada do raio, e como arautos perecem.

Vede, eu sou um arauto do raio e uma pesada gota da nuvem: mas esse raio se chama super-homem. —

5.

Depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. “Aí estão eles e riem”, falou para seu coração, “não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos.

Será preciso antes partir-lhes as orelhas, para que aprendam a ouvir com os olhos? Será preciso estrondear como os timbales e os pregadores da penitência? Ou acreditarão apenas num homem que balbucia?

Eles possuem algo de que se orgulham. Como chamam mesmo o que os faz orgulhosos? Chamam de cultura,¹¹ é o que os distingue dos pastores de cabras.

Por isso não gostam de ouvir a palavra ‘desprezo’ quando se fala deles. Então falarei ao seu orgulho.

Então lhes falarei do que é mais desprezível: ou seja, do *último homem*.”